

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE BACHARELADO EM LINGUÍSTICA**

**O que se diz na mídia desses leitores improváveis:  
moradores de rua e sobreviventes da reciclagem de lixo**

**Julia dos Santos Santana  
Aluna do curso de Bacharelado em Linguística – UFSCar**

**Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino  
Departamento de Letras – UFSCar**

**Coorientadora: Profa. Dra. Simone Varella  
LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura – UFSCar**

**Grupo de Pesquisa: LIRE/CNPq – Laboratório de Estudos da Leitura**

**Linha de pesquisa: Representações discursivas da leitura e do leitor em  
textos da mídia**

**São Carlos-SP  
2021**

# O que se diz na mídia desses leitores improváveis: moradores de rua e sobreviventes da reciclagem de lixo

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	3
<b>Introdução</b> .....	4
<b>Dos discursos sobre a leitura, sua duração, força e formas de circulação</b> .....	9
<b>“Quando você lê para uma criança, ela pode buscar o futuro que quiser”</b> .....	10
<b>Do interesse peculiar pelas histórias de leitores improváveis</b> .....	15
<b>Constituição do <i>corpus</i></b> .....	16
<b>Leitura como prática redentora</b> .....	18
<b>Da viagem do crack à viagem da leitura</b> .....	19
<b>“Os livros mudam a gente”:</b> de catador de lixo a vendedor de livros .....	20
<b>Os livros mudam a vida – De usuário de drogas à autor de livros</b> .....	22
<b>Leitura intensiva como prática de evasão</b> .....	25
<b>“Leitura para matar dor do tempo”</b> .....	26
<b>Leitura como comércio e meio de sobrevivência</b> .....	27
<b>Leitura como prática proselitista</b> .....	31
<b>Considerações finais</b> .....	32
<b>ANEXO I</b> .....	33
<b>Referências Bibliográficas:</b> .....	39

## **O que se diz na mídia desses leitores improváveis: moradores de rua e sobreviventes da reciclagem de lixo**

**Resumo:** Neste trabalho de conclusão de curso, apresentamos a continuidade de análises e de resultados obtidos na realização de nossa pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Leitores infames: Catadores de lixo e moradores de rua e suas representações na mídia como comunidade leitora”, cujo objetivo principal é o de analisar e demonstrar como são construídas, na mídia, certas representações discursivas das práticas de leitura atribuídas a leitores inesperados, a sujeitos que, vivendo à margem da sociedade, não são considerados como potenciais leitores e que, uma vez identificados com livros, se tornam notícia, a saber, pessoas que vivem de catar e reciclar lixo e moradores em situação de rua. O conjunto de textos que compõe nosso *corpus* de análise é resultado de um levantamento de textos via buscadores da internet gerais ou das próprias instituições midiáticas, provenientes de jornais e revistas, mas também de blogs pessoais e/ou institucionais de notícias. Constatamos que essas representações desses leitores se encontram textualizadas em gêneros discursivos diversos, tais como notícias, reportagens, entrevistas. Observamos a grande regularidade na forma como essas representações da leitura e dos leitores se apresenta nesses textos. A leitura é sempre apresentada em sua faceta salvacionista, redentora. Os leitores são apresentados como indivíduos que ‘decidem’, que ‘escolhem’ se tornar leitores, que leem sobretudo livros impressos, em particular de literatura, o fazem por prazer e para sua formação, e encontram na leitura um meio para mudarem de vida. Nossas análises desse material se apoiam em princípios da Análise do Discurso de linha francesa, da História Cultural da Leitura e também em alguns postulados da História das Emoções.

**Palavras-chave:** Discursos sobre a leitura; Leitores infames; Livro no lixo; Moradores de rua e Catadores de lixo.

## Introdução

Na contemporaneidade, a mídia desempenha, em grande medida, a função de uma fonte privilegiada de discursividades, atuando como instância de produção e meio de circulação de textos, que assim podem, e assim o pretendem, condicionar a construção de nossas relações sociais, de nossas formas de conceber o mundo. O poder de proposição e de difusão de discursos regula as representações que compartilhamos sobre nós mesmos e sobre os outros. Ao nos sugerir projeções imaginárias, no interior das quais se inscrevem simulacros de sujeitos e de suas práticas, essas instituições, ao longo da história e de uma cultura a outra, podem assim, como o fazem outras instituições, constituir nossas subjetividades<sup>1</sup>.

Os textos produzidos pela mídia contemporânea e que circulam por meio dela consistem, portanto, em um espaço privilegiado para a observação da constituição de imaginários socioculturais, a partir dos quais nossas práticas e representações, e entre elas as da leitura, são estabelecidas. Partindo desse pressuposto, nossa pesquisa é uma continuidade e uma ampliação do escopo e dos tipos de objetos de análise dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelos pesquisadores do LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura<sup>2</sup>, desde sua constituição em 2009, sob a coordenação da Profa Dra Luzmara Curcino, e cujo objetivo geral é o de levantar e descrever representações discursivas de leitores da atualidade e de suas práticas de leitura, com especial ênfase na constituição e interpretação dessas representações e discurso presentes em textos oriundos da mídia<sup>3</sup>.

Essas representações, compartilhadas coletivamente, e algumas com força de consenso, são constituídas histórica e culturalmente. A história da leitura, bem como o modo como a exercemos e como reconhecemos aos outros e a nós mesmos como leitores, constitui-se de formas de enunciação muito variadas, algumas muito semelhantes ao funcionamento de ‘mitos’<sup>4</sup>. Conforme afirma Curcino (2018), o que

---

<sup>1</sup> A esse respeito, cf. Gregolin (2003; 2006); Barzotto (1998); Navarro (2004); Curcino (2006; 2008; 2011b; 2016b; 2019c) entre outros.

<sup>2</sup> Cf. cadastro do grupo de pesquisas LIRE no Diretório Nacional dos Grupos de Pesquisa do CNPq: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/43446>>.

<sup>3</sup> Entre os projetos gerais de pesquisa e já desenvolvidos nessa linha de pesquisa do grupo, destacamos “Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do novo leitor na mídia” (FAPESP 2010/16139-0).

<sup>4</sup> Tamanho é o consenso em torno do que se afirma sobre a leitura, em especial em textos breves, assertivos como aqueles dos slogans de campanhas de promoção dessa prática, que os pesquisadores Barzotto & Britto (1998) e Britto (1999) demonstram seu funcionamento discursivo

sabemos, dizemos e fazemos em relação a essa prática ecoa esse passado que se encarregou das formas de sua qualificação, do estabelecimento de seu valor simbólico, da institucionalização das formas de seu ensino, da seleção dos sujeitos a quem se outorga o título de 'leitor', enfim, da rarefação do que pode e deve ser dito sobre a leitura.

É em busca dessas formas de rarefação do que pode e deve ser dito sobre a leitura, ou seja, da apreensão das formas de injunção enunciativa próprias da *ordem discursiva*<sup>5</sup> que regula os dizeres e saberes sobre essa prática, que realizamos a nossa pesquisa, intitulada "O que se diz na mídia sobre esses leitores improváveis"<sup>6</sup>, em consonância com esse objetivo geral do grupo LIRE. Nela temos por objetivo analisar e empreender um levantamento de representações discursivas que circulam nas mídias virtuais acerca dos moradores de rua e catadores de lixo como leitores.

Em seu desenvolvimento, buscamos realizar uma busca sistemática, por meio dos buscadores da internet, e dos próprios sites de jornais e revistas brasileiros, ou de portais de notícia, de modo a constituir um conjunto amplo de textos (notícias, reportagens, entrevistas) que se ocupassem da apresentação/descrição da figura de uma comunidade leitora bem peculiar, de alguns candidatos a leitores bastante improváveis<sup>7</sup>. Esses *novos leitores*<sup>8</sup>, dada a excepcionalidade de seu encontro com a leitura, são aqueles que, nas palavras de Hébrard (2009), só puderam entrar na cultura escrita por "arrombamento", ou melhor, como "penetras". Dada sua origem social, e as condições de miséria em que vivem, não fazem parte do rol de sujeitos, em nossa sociedade, que podem vir a ser leitores. Ainda assim, eles existem. E o

---

semelhante ao da enunciação de um 'mito', e como tal alienada e alienante, alheia às condições materiais reais e efetivas para a garantia do exercício dessa prática em nossa sociedade.

<sup>5</sup> Cf. Foucault (1999).

<sup>6</sup> A pesquisa de IC que realizamos, e da qual estes resultados do TCC derivam, contou com o apoio do CNPq (processo 159595/2019-3). Ela foi iniciada em agosto de 2019, cujo cronograma inicial previa seu término em julho de 2020. No entanto, ela foi finalizada em outubro de 2020, com adiamento aprovado pelo CNPq e pela PROPq-UFSCar, dada a pandemia de COVID-19.

<sup>7</sup> Essa pesquisa está vinculada àquela realizada por nossa orientadora, dedicada à análise das representações de leitores populares na mídia brasileira, cujos resultados parciais se encontram publicados em Curcino (2020a; 2020b).

<sup>8</sup> Segundo Curcino (2012), trata-se de designação dada àqueles leitores de origem humilde, popular, que, ao longo do século XVI ao XIX na França, em sua maioria autodidatas, se apropriaram da técnica da leitura, de maneira desinstitucionalizada, errática e atípica, e que tiveram acesso a textos, alguns deles de circulação restrita a grupos sociais mais familiarizados com a cultura escrita e que a partir de seu instrumental mental e cultural específicos, fizeram usos e interpretações peculiares, por vezes conflitantes com aqueles idealizados pelos autores e efetivados por seus leitores objetivados inicialmente.

caráter inusitado e improvável de que leem é motivo suficiente para que sua infâmia<sup>9</sup> seja suspensa temporariamente e para que gozem de algumas linhas de notoriedade nas páginas da imprensa brasileira, tal como constatou Curcino (2020). São eles catadores de lixo e/ou moradores em situação de rua. Tal como observa Curcino (2019c):

A relativa invisibilidade de grande parte das práticas do povo brasileiro, e entre elas a da prática de leitura, se contrapõe à visibilidade, se não excessiva ao menos permanente, das práticas que historicamente foram exercidas e valoradas por poucos que, no papel de árbitros da cultura, se outorgaram o direito de definir o que é legítimo ou não nesse terreno, de desqualificar a diferença, mas de modo mais incisivo aquela relativa a sujeitos subalternizados socioeconomicamente. [...] A invisibilidade e a deslegitimação de práticas populares sempre se relacionaram com a invisibilidade e a deslegitimação dos próprios sujeitos que as empregam. Por isso, ainda sabemos pouco sobre a história das práticas de leitura populares. (CURCINO, 2019c, p. 112-113).

O filósofo Michel Foucault (2003), na singeleza incômoda de seus estudos sobre “a vida dos homens infames”, sem visibilidade, sem importância e até incômodos para os padrões sociais, nos diz sem meia volta:

Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência, enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, para sempre impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser ‘em estado livre’; só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parcialidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele. (FOUCAULT, 2003, p. 208)

Como constatou Abreu (2001), pouco sabemos sobre as práticas de leitura populares. Tal como observa Curcino (2019c), essa invisibilidade das práticas populares frequente ainda nosso presente, em seu não reconhecimento, e sua visibilidade relativa, rarefeita, é sempre espreitada pela incompreensão e pela estigmatização, graças à remanência de certos discursos, que segundo Foucault (1999), advém das formas de sua circulação e de sua institucionalização, que difundem a partilha de seu valor simbólico prioritariamente eufórico, e que é fruto de

---

<sup>9</sup> Aqui empregada no sentido adotado por Michel Foucault (2003) ao se referir às vidas “sem fama”, “sem existência relevante”, “sem reconhecimento”, e que por isso não entram para história.

certos consensos que internalizamos e compartilhamos a respeito do que é a boa leitura, do que é ser ‘verdadeiramente’ leitor. Como sociedade, conhecemos e reproduzimos os discursos hegemônicos sobre essa prática:

A leitura, a leitura de certos livros, a posse de livros, a pose com livros, tudo isso desempenhava e desempenha ainda hoje importante papel como símbolo de distinção. Não sem razão, a ostentação da condição de leitor e a condenação de sua ausência ou a estigmatização de certas práticas de leitura, consideradas menos legítimas e por isso invisíveis à nossa percepção e não dignas de nosso reconhecimento, são exploradas frequentemente na construção da imagem pública dos sujeitos. (CURCINO, 2018, s/p).

Tanto a invisibilidade de certos sujeitos e de suas práticas quanto os consensos sobre a leitura estão implicados quando nos defrontamos com textos como aqueles que constituem o *corpus* deste trabalho: textos da mídia sobre leitores infames, ou melhor, cuja fama rápida se constituiu com base no caráter inusitado, propício para a exploração do ‘espetáculo’, de encontrar livros com sujeitos anônimos e esquecidos socialmente, cuja vida não previu o acesso, a posse de livros, assim como o domínio da técnica de leitura e o seu exercício espontâneo, conforme analisado por Curcino (2020a; 2020b).

Com a análise do que se diz nesses textos sobre a leitura e sobre essa comunidade leitora, pretendemos depreender e refletir sobre os discursos sobre a leitura que os fundamentam, assim como buscar depreender, de modo mais específico, formas de expressão de duas emoções frequentemente aludidas quando se fala em leitura: o ‘orgulho’ e a ‘vergonha’. Elas são em geral evocadas em função dos processos de identificação complexos que os sujeitos estabelecem em relação a si e à imagem idealizada do que é ser leitor, do que é ser um bom leitor.

Esse interesse específico pelas emoções que são expressas nesses contextos de enunciação sobre a leitura responde ao objetivo do novo projeto coletivo, coordenado por Curcino (2019a), intitulado “Das emoções nos discursos sobre a leitura: uma análise dos modos de expressão da ‘nostalgia’, do ‘orgulho’ e da ‘vergonha’ na voz de leitores”. Seu objetivo geral “é o de analisar certas emoções manifestas em textos de diferentes origens, períodos e com distintas finalidades e públicos, ao se abordar o tema da leitura” (CURCINO, 2019a, p. 12). Conforme a autora, a alusão a certas emoções responde a certos protocolos discursivos: não é qualquer emoção que se enuncia quando se fala da leitura ou de si como leitor, não

é de qualquer modo que se o faz. As emoções mais frequentemente evocadas em relação à leitura são a ‘nostalgia’, o ‘orgulho’ e a ‘vergonha’, ainda que não sejam enunciadas diretamente, nem nomeadas como tal. Buscando contribuir com esse projeto, nesta pesquisa, em consonância com a de outros estudantes e pesquisadores nele envolvidos, é o de contribuir com o levantamento de dados e constituir um *corpus* de enunciados sobre a leitura relativos à expressão dessas emoções.

Assim, além da análise, mais genérica, dos discursos sobre a leitura mobilizados nos textos da mídia que se referem ao tema da leitura em relação a essa comunidade de leitores infames, nos dedicamos mais especificamente ao levantamento e análise das formas de expressão das emoções do ‘orgulho’ e da ‘vergonha’ nesses textos, expressos sob a forma verbal e/ou imagética, em suas relações de *homologia discursiva*<sup>10</sup> variadas.

Para isso, tal como no projeto geral, neste nos subsidiamos em alguns princípios e conceitos mobilizados no campo da Análise do Discurso, a partir de contribuições de Michel Foucault; em princípios da História Cultural da leitura, em especial em reflexões de Roger Chartier sobre o leitor popular; e em estudos da História das emoções, tais como os desenvolvidos recentemente por Jean-Jacques Courtine. Outras contribuições teóricas fundamentais provêm dos avanços das reflexões sobre os discursos sobre a leitura no Brasil e sobre as variadas práticas de leitura de diversas comunidades leitoras entre nós, empreendidos por pesquisadores do tema, tais como Márcia Abreu (2001; 2006), Luiz Percival Leme Britto (1999; 2003), e pelos trabalhos desenvolvidos a esse respeito por Curcino (2006; 2016b, 2018; 2019c, entre outros) e demais pesquisadores do LIRE<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo Curcino (2011), a homologia discursiva diz respeito aos tipos de relações semânticas estabelecidas quando um texto é produzido utilizando duas linguagens (verbal e não-verbal, por exemplo), e cuja “articulação entre imagem e verbo na formulação de textos sincréticos regula-se basicamente por dois princípios: um primeiro referente à relação entre a imagem e o verbo, cujo sentido resulta da junção e da coincidência da significação desses elementos; um segundo princípio regulador dessa relação intersemiótica é aquele segundo o qual a significação do texto se constrói com base na divergência do que enuncia uma linguagem em relação à outra e por vezes no predomínio de uma das linguagens em detrimento da outra. [...] Em geral, não se trata de “uma correspondência de forma ou de conteúdo, mas de uma correspondência discursiva, segundo a qual enunciados de materialidades distintas se combinam na construção do texto para a manifestação do(s) discurso(s), acionando uma memória e significando a partir dela”. (CURCINO, 2011, p.1400-1401).

<sup>11</sup> A título de exemplo: Andretta & Curcino (2012); Varella & Curcino (2014) Rosin & Curcino (2015); Manfrin & Curcino (2020), e outros.



Tendo no horizonte o objetivo geral das pesquisas do grupo, e o objetivo dessa nossa proposta, buscamos nos nortear, tanto para a constituição do *corpus* de pesquisa quanto em sua análise, pelas seguintes questões: como são representados esses leitores imprevisos? que discursos sobre a leitura são reiterados nesses textos? como se expressa o 'orgulho' ou a 'vergonha' ligados à prática de leitura, nesse contexto de enunciação específico? que efeitos de sentido produzem as formas variadas ou regulares de sua expressão?

### **Dos discursos sobre a leitura, sua duração, força e formas de circulação**

Márcia Abreu (2006), especialista em história da leitura no Brasil, em seu artigo "Apatia, ignorância e desinteresse - Uma história da leitura no Brasil", dedica-se à análise dos relatos produzidos por viajantes estrangeiros do século XIX acerca das condições da cultura letrada no Brasil. A autora observa que os relatos são pautados em uma representação de apatia, ignorância e desinteresse por parte da cultura. Isso porque, além de serem tomados, nestes relatos, como não tendo conhecimento dos principais nomes da ciência e da literatura, "gastam o dia conversando frivolamente, jogando cartas ou cochilando" (ABREU, 2006, p.84). Esses eram alguns dos discursos que circulavam sobre o Brasil no século XIX e que, de certo modo, perduram até os dias de hoje. Podemos observar a presença de semelhante funcionamento discursivo em diversas campanhas de leitura dos dias atuais, tais como constatado por Varella & Curcino (2014). Nelas, a promoção dessa prática se dá justamente pressupondo que há um desinteresse dos indivíduos, o que se materializa sob a forma de enunciados do tipo "Brasileiro não lê", "Brasileiro lê pouco", ou até mesmo "Os jovens não leem como antigamente, só ficam no computador". Neste último enunciado, além de ser comum a referência condenatória das práticas de leitura deste segmento juvenil, não se considera as mudanças nas práticas de escrita e leitura ocasionadas pelo surgimento de novas tecnologias, e se deslegitima a leitura feita diante das telas, em comparação àquela do objeto impresso, em especial do livro.

Esse discurso, pautado no alegado desinteresse dos brasileiros e na supervalorização da prática de leitura, foi observado por Barzotto & Britto (1998) ao descreverem uma série de 'mitos', cuja análise que realizam visa justamente

desmistificar esse seu funcionamento consensual e discutir o imaginário compartilhado sobre a leitura, particularmente expresso nas campanhas de incentivo a essa prática.

Das 'máximas' citadas, nos interessa de modo específico aquela que atribui à leitura um papel salvacionista, que transforma, que torna os indivíduos melhores, bem como a que ressalta a importância de se ler, não importando o gênero discursivo. A leitura 'hedonista', conforme nomeada pelos autores, corresponde também a um dos discursos, que é atualizado sob a forma de 'máximas', e segundo o qual se representa a leitura como fonte de prazer, ou seja, como uma atividade essencialmente prazerosa.

### **“Quando você lê para uma criança, ela pode buscar o futuro que quiser”**

Sendo o livro um objeto simbólico valorizado, porque raro, relativamente de difícil acesso, e a leitura uma prática de prestígio, realizada de forma rarefeita e desigual pelos sujeitos, não é estranho que diversos setores da sociedade trabalhem em prol de sua promoção, conforme demonstraram Varella (2014) e Varella & Curcino (2014). Nesse sentido, encontramos instituições e empresas com grande visibilidade que, embora não possuam vínculo algum com a leitura, têm consciência do prestígio simbólico que a promoção desta atividade fornece e se valem do benefício simbólico de vincularem sua marca a prática de leitura. Para ilustrar esse funcionamento, podemos citar a campanha “Leia para uma criança”, promovida pelo Itaú Unibanco em conjunto com a Fundação Itaú Social, cuja função é distribuir livros gratuitos com vistas a incentivar a leitura na primeira infância, reforçando, segundo o banco, o *potencial da literatura como um agente transformador na sociedade*. A campanha se apresenta por meio de vídeos no Youtube<sup>12</sup>.

Em 2017, foi lançada uma campanha cuja narrativa conta a história de uma menina que sonhava em ser astronauta<sup>13</sup>. O vídeo é iniciado com a garota ganhando de presente o livro “A menina, as estrelas<sup>14</sup>”, os minutos seguintes são marcados pela

---

<sup>12</sup> Sobre campanhas de promoção da leitura, veiculadas em canais do Youtube, cf. Varella (2014) e Varella & Curcino (2014).

<sup>13</sup> Itaú. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QeGISXdVVD4>>. Acesso em: 10 jan 2020.

<sup>14</sup> De autoria e ilustrações feitas por Ziraldo Alves Pinto, publicado em 2007 pela Editora Melhoramentos

leitura desta e de demais obras que compartilham da mesma temática. Ao final, como resultado de todas as histórias, as quais foram responsáveis pelo desenvolvimento de sua imaginação, a garota já crescida se torna a primeira brasileira astronauta no espaço. O vídeo é encerrado com o enunciado: *“Imaginar é o primeiro passo para uma criança ser o que quiser”*.

Outra campanha, lançada em 2018 e intitulada “Robô<sup>15</sup>”, trabalha com a mesma lógica e estrutura, diferenciando-se apenas pela narrativa escolhida: a história agora gira em torno de uma menina negra, de origem simples, provavelmente filha de mecânico e que demonstra interesse na área de tecnologia. Alimentada por livros, tais como “Meu amigo robô<sup>16</sup>”, a jovem participa de feiras de ciência, dedica-se à construção de equipamentos tecnológicos e, finalmente, ingressa na Universidade, no que parece ser um curso de ciência da computação. Ao longo do vídeo, nos é apresentada a rotina dessa jovem, marcada por adversidades que são próprias de uma sociedade estruturalmente racista: a falta de recurso, o esforço desmedido e a estranheza do professor universitário ao se deparar com uma aluna negra em um curso onde a presença de homens brancos e de classe média é predominante quando comparada aos demais grupos. O vídeo encerra-se com o enunciado: *“Quando você lê para uma criança, ela pode ir mais longe do que você imagina”*.

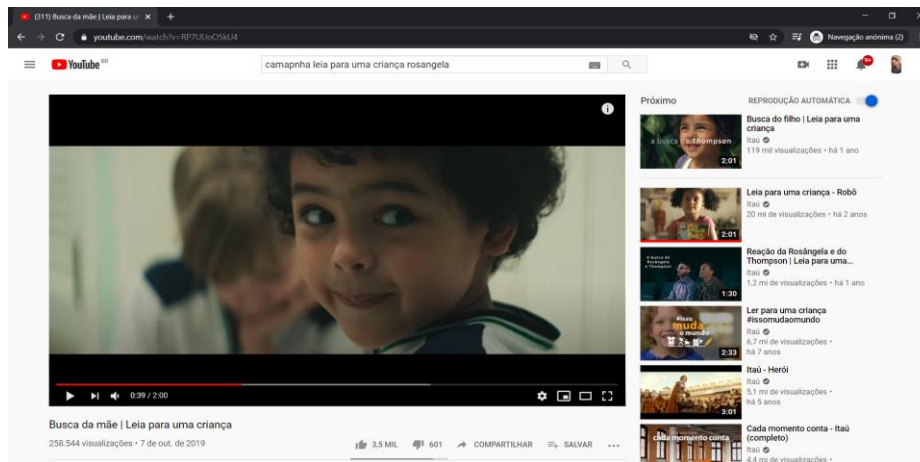
Já a campanha de 2019, por sua vez, traz como sujeitos que podem ter suas vidas mudadas pela leitura catadores de lixo e uma narrativa baseada em fatos reais. Ela conta a trajetória de Rosângela, uma catadora de recicláveis que recolhe livros para seu filho Thompson em meio ao lixo. O vídeo se inicia com a mãe e o filho em um lixão e, ao encontrar o livro “Mundo encantado”, Rosângela vislumbra Thompson em uma escola.

Figura 1: Rosângela imagina Thompson na escola.

---

<sup>15</sup> Itaú. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZEPeVGVVYo>> Acesso em: 10 jan 2020.

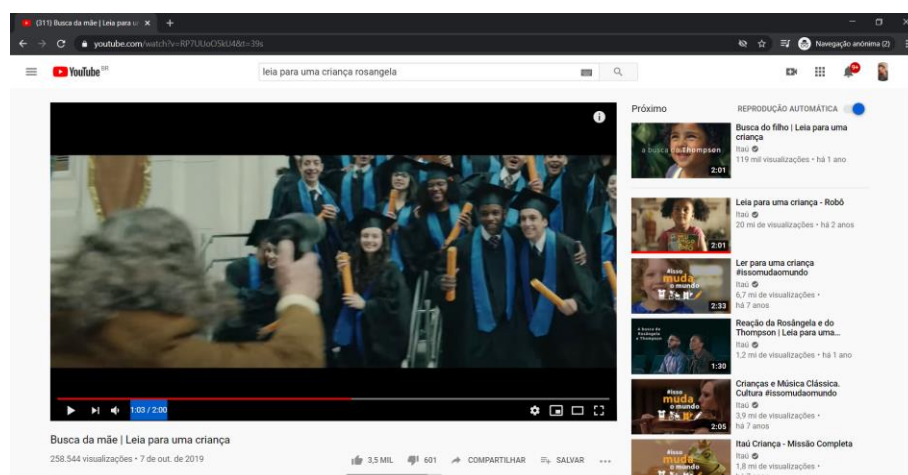
<sup>16</sup> Autoria de Giselda Laporta. Ilustração por Dika Araujo, 2019, 1ª ed.



Fonte: Youtube

Em outra ocasião, tendo encontrado a obra “As crianças do futuro”, a mãe tem uma espécie de *flash* do filho em um momento que parece ser a formatura da Universidade. A partir daí, a catadora de lixo inicia sua procura por livros em meio aos recicláveis e também recebe doações de colegas de trabalho. Essa busca tem como resultado leituras diárias feitas ao pé da cama, com temáticas próprias do universo infantil como, por exemplo, “As crianças do futuro”, “O laboratório Mágico” e “Mundo Encantado”, culminando, posteriormente, no ingresso do filho na faculdade. O vídeo encerra-se com o seguinte enunciado: “Quando você lê para uma criança, ela pode buscar o futuro que quiser”.

Figura 2: Thompson ingressa na universidade.



Fonte: Youtube

Embora com narrativas construídas de formas distintas, as campanhas compartilham o mesmo objetivo: evidenciar o poder de transformação que só a leitura pode oferecer e, mais ainda, apresentá-la como uma escolha individual, que, por si só, é capaz de fazer com que os leitores ascendam culturalmente, profissionalmente e se emancipem.

Desse modo, retomando a problematização que Barzotto & Britto (1999) fazem acerca do modo como circulam os discursos sobre a leitura, como espécie de mitos, a campanha ilustra de forma clara como os discursos de promoção da leitura atuam de forma generalizante, pois não consideram as condições sociais de acesso à leitura, muito menos os meios materiais de que dispõem os sujeitos para empreendê-la, bem como representam o livro, primordialmente sob sua forma impressa, como objeto responsável por transformar vidas, sem que se aborde que títulos, autores e que formas de ler poderiam produzir essa transformação.

Os enunciados dessas campanhas, e mais propriamente desta última, nos quais se estabelece uma relação direta entre leitura e enobrecimento do sujeito, são o mote principal que orienta a produção desses vídeos da instituição financeira. Tanto o ingresso de Thompson na faculdade quanto a ascensão profissional das demais personagens estão diretamente atrelados com a prática de leitura, com a qual se familiarizaram desde a infância.

Portanto, a ideia que é defendida nesses enunciados é a de que em função dos momentos de leitura precoces e diários, em ambiente familiar, essas pessoas se tornaram leitores, como leitores fizeram melhores escolhas, como leitores e tendo feito escolhas acertadas “construíram” seu futuro, superaram as dificuldades e mudaram de condição social, como é possível depreender pelos enunciados que encerram os vídeos: *“Quando você lê para uma criança, ela pode buscar o futuro que quiser”*, *“Imaginar é o primeiro passo para uma criança ser o que quiser”*, *“Quando você lê para uma criança ela pode ir mais longe do que você imagina”*.

Tal como observado por Curcino (2020a; 2020b), na análise de notícias em revistas e jornais brasileiros sobre pobres que viviam do que retiravam do lixo e que por meio da leitura conseguem alterar seus destinos, nessas campanhas, de modo geral, e nesses enunciados, em específico, não se problematizam as desigualdades sociais, as maiores dificuldades e barreiras que a maioria dos brasileiros deve enfrentar, desde cedo, e que são empecilhos para seu desenvolvimento. Neles, os

sujeitos são representados como os únicos responsáveis pelos seus destinos, sendo o seu futuro o resultado única e exclusivamente de suas escolhas e práticas.

Não é muito diferente o que se pode encontrar em outro gênero, distinto dessa campanha idealizada pela instituição financeira, em 2019, a saber, e notícias publicadas no jornal O Globo.

A primeira delas, publicada em 21/12/2017 por Anderson Barbosa, cujo título é “Mestre literário vive nas ruas há 10 anos em Aracaju<sup>17</sup>”, conta a história de José Henrique Conceição, um entre os diversos moradores de rua do estado de Sergipe que, em função de sua formação acadêmica, de um discurso proferido de forma eloquente e de seu conhecimento de obras tidas como consagradas, se diferenciou dos demais, rompendo a barreira da invisibilidade à qual são subjugados os moradores de rua, tendo sido assim considerado digno de algumas páginas na mídia tradicional. José Henrique é mestre pela Universidade de Brasília, licenciado em língua inglesa e também fala vários idiomas.

Figura 3: O mestre que vive nas ruas.

## Mestre em teoria literária vive nas ruas há 10 anos em Aracaju

José Henrique Conceição é um dos 200 moradores em situação de rua na capital de Sergipe.

Por Anderson Barbosa, G1 SE — Aracaju  
21/12/2017 19h11 - Atualizado há 2 anos



Fonte: G1

A segunda, também veiculada pelo *site* O Globo<sup>18</sup> e intitulada “Menino de 13 anos ambulante no Leblon encanta clientes por seu gosto pela leitura”, é outro desses

<sup>17</sup> BARBOSA, Anderson. Mestre em teoria literária vive nas ruas há 10 anos em Aracaju. G1, Aracaju, 21/12/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/mestre-em-teoria-literaria-vive-nas-ruas-ha-10-anos-em-aracaju.ghtml>>. Acesso em: 30 jan 2020.

<sup>18</sup> ALTINO, Lucas. Menino de 13 anos, ambulante no Leblon, encanta clientes por seu gosto pela leitura. O Globo, 11/08/2019. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/menino-de-13-anos-ambulante-no-leblon-encanta-clientes-por-seu-gosto-pela-leitura-23869708>>. Acesso em: 27 ago 2019.

exemplos que se multiplicam na mídia brasileira nos quais se narra histórias de vidas de excluídos sociais que, por meio da leitura, passam a ter um rosto, um nome, uma história que interessa e se tornam personagens de notícias. Segundo a matéria, Fábio Oliveira de Araújo é um garoto de 13 anos que, na sua rotina de trabalho, vendendo balas na rua, responsáveis pelo seu sustento, foi visto lendo um livro e, em decorrência disto, saiu de seu anonimato, mesmo que rapidamente, em algumas páginas de jornal.

As duas matérias são muito representativas desses discursos dominantes sobre a leitura ou discursos de outros campos e sobre outros temas que são mobilizados tomando como mote a leitura. Em ambas, o objeto central é o livro, cujo valor simbólico é historicamente estabelecido, e atua como um dispositivo de distinção sociocultural. Embora as situações descritas difiram quanto ao cenário tradicional gozado por aqueles que podem ser leitores no Brasil, as expectativas quanto ao que leem, como leem não se diferem daquelas que se considera serem as práticas ideais de leitura. É porque leem, e é porque leem livros, cujos textos e autores conhecidos ou consagrados que esses sujeitos que têm suas histórias de vida contadas são vistos. Antes invisíveis, não é sua situação de extrema fragilidade socioeconômica o que desperta a atenção da mídia. É exatamente por se valerem da leitura, e mais especificamente da leitura de obras que detêm prestígio cultural, que esses sujeitos se tornam dignos de alguma notoriedade pelas lentes da mídia.

### **Do interesse peculiar pelas histórias de leitores improváveis**

Em nossa consulta, por meio dos principais buscadores da internet, tivemos acesso a um conjunto expressivo de dados, relativos a narrativas de sujeitos infames, miseráveis, vivendo à margem da sociedade que, graças à leitura, se empoderaram, se emanciparam e mudaram de vida. Isso revela um interesse peculiar por esse tipo de narrativa. De modo a melhor organizar os dados obtidos com nosso levantamento geral, e baseados na similitude do que é dito sobre a leitura e sobre os leitores nessas publicações, agrupamos os textos, e seus enunciados, em 4 categorias distintas: 1) Leitura como prática redentora; 2) Leitura para evasão; 3) Leitura como comércio e meio de sobrevivência: uma prática superficial, e 4) Leitura como prática proselitista.

## Constituição do *corpus*

Para compor o *corpus* do trabalho, compilamos um conjunto de textos retirados de jornais e revistas de circulação nacional, em seu formato digital, e alguns *blogs*. Dois *blogs* mostraram-se fundamentais na etapa de coleta do *corpus*. São eles: “*Livros só mudam pessoas*” e “*Razões para Acreditar*”.

O *blog* “*Livros só mudam pessoas*”, tal como nele se informa, é coordenado por Sérgio Pavarini, jornalista formado pela faculdade Cásper Líbero, com pós-graduação em *Marketing* pela Fundação Armando Álvares Penteado, que se dedica a contar histórias de pessoas que tiveram experiências com o livro e/ou leitura. O *site* também conta com a (re)publicação de histórias noticiadas em jornais, revistas e também em outros *blogs*. Na aba “Search Website”, localizada no canto superior direito da página, é possível, por meio da combinação de palavras-chave, filtrar as buscas, procedimento esse que nos permitiu uma seleção mais rápida de nossos dados.

O *blog* “*Razões para acreditar*”, segundo a página, é formado por profissionais da área do jornalismo, ensino de língua portuguesa e publicidade, atua desde 2012 como um espaço destinado a histórias que nos dão “razões para acreditar”. Por meio da lupa de buscas, o *site* também nos permitiu filtrar os textos. Verificamos que todos os textos coletados foram (re)publicados em ambos os *blogs*, e, dessa forma, após a leitura e verificação da relevância do material frente aos objetivos da pesquisa, optamos por registrá-los em sua fonte original. Por exemplo, a matéria abaixo, encontrada no *blog Livros só mudam pessoas*, foi originalmente publicada no *Jornal Extra* em versão *online*.

Figura 4 - Extraída do site “*Livros só mudam pessoas*” - Biblioteca Parque do Centro do Rio recebe clube de leitura com moradores em situação de rua.





Fonte: Blog Livros só mudam pessoas.

Para compor o *corpus* da pesquisa, realizamos buscas pela *internet*, por meio de navegadores distintos – Google e Duck Duck Go –, e por meio de máquinas também diferentes – própria, da universidade e de amigos -, com vistas a abarcar o maior número possível de dados sobre o tema. As palavras-chave utilizadas foram: Morador de rua, leitura; Morador de rua, literatura; Morador de rua, lendo; Morador de rua vende livro. Após a análise dos textos e a verificação dos mesmos, tendo em vista os objetivos do trabalho, procuramos registrá-los em uma pasta no Google Drive por meio do seguinte esquema<sup>19</sup>: Navegador, Dispositivo utilizado, Link para matéria, Título, Autor, Local e data de publicação, Identificação, Ideias/informações adicionais.

Figura 5: Organização dos dados na pasta do Google Drive

<sup>19</sup> O esquema mostrou-se relevante, pois muitos dos textos haviam sido publicados em mais de um *site*. Com isso, essa sistematização permitiu-nos registrá-los de modo a evitar eventuais repetições.



1. Palavras-chave
2. Navegador
3. Dispositivo utilizado
4. Link para matéria
5. Título
6. Autor
7. Local e data de publicação
8. Identificação
9. Ideias/informações adicionais

1. Morador de rua, leitura (Folha 1)
2. Duck duck go
3. Meu computador
4. <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/za-do-livro-ex-morador-de-rua-e-vendedor-de-historias/454486>
5. Zé do livro: ex-morador de rua e vendedor de histórias
6. Mariana Ceci
7. Tribuna do Norte, 21/07/2019
8. **José Cesar dos Anjos de Miranda, 31 anos. (Folha 1)**
9. **Ideia:** "Como falar dos livros que não lemos". Zé do livro memoriza as histórias e as conta, seria essa uma forma de representação?

Fonte: Google Drive.

Para a análise, selecionamos 18 textos, provenientes de diversos jornais, blogs e *sites*, dedicados à temática dos moradores de rua e catadores de lixo e suas representações das práticas de leitura. Eles se constituem como um grupo um tanto quanto homogêneo no que diz respeito ao gênero, já que, dos 18 textos localizados, somente 2 dois deles são crônicas e apenas 1 é uma entrevista. Para dar melhor visibilidade quanto a esses agrupamentos dos textos, em função do modo como se referiam prioritariamente à leitura e aos leitores, produzimos uma tabela (Cf. Anexo 1), com todos os textos coletados e agrupados conforme os traços representativos em comum.

### **Leitura como prática redentora**

Formado por 7 textos, esse agrupamento é caracterizado pela incidência marcante de um discurso leitura como fonte de redenção e emancipação. A seguir, será feita uma breve contextualização dos materiais coletados, seguida da análise de alguns enunciados que representam de forma excepcional esse funcionamento discursivo baseado na caracterização da leitura como prática emancipatória e transformadora da realidade, a começar pela publicação a seguir, referente à Figura 6 abaixo, que equivale a um recorte do texto, contendo a fotografia de Roberto Nascimento, o título – em negrito e letras maiores –, o subtítulo e algumas informações como data e horário da publicação.

## Da viagem do crack à viagem da leitura

Figura 6: De morador de rua a poeta



Fonte: Estado de Minas

Variando na forma de expressar esse discurso meritocrático que estrutura o que se diz sobre a leitura e o leitor nos textos que compõem o *corpus* geral, um exemplo característico desse subagrupamento é o relato publicado pelo jornal Estado de Minas em 19/12/2015 que, sob o título “Com ajuda da literatura, morador de rua de BH vence o crack”, conta a história de Roberto Nascimento, de 51 anos, então em situação de rua.

O efeito de sentido produzido pelo título, que coloca em proeminência o auxílio da literatura – “Com ajuda da literatura” – em detrimento de sua condição “Morador de rua de BH vence o crack”, orienta o leitor a uma interpretação que visa a atribuir à leitura e/ou à literatura todo o crédito pela transformação de Roberto, ao mesmo tempo que ressalta o caráter tanto propedêutico, como emancipatório, da leitura como prática. Ao longo da notícia, encontramos trechos em que esse funcionamento se mantém, como por exemplo: “O vício em crack o fez perder a família, os amigos de infância, a autoestima e o sorriso. A vontade vencer o vício e o contato diários com a literatura lhe devolveram a alegria”.

Temos neste trecho uma ordem sintática distinta, mas que, no entanto, opera com os mesmos efeitos de sentido observados no título: primeiro se expõe, quase sob a forma de lista – a família, amigos, emprego, autoestima, etc. – as perdas causadas pelo vício para que, a partir daí se enfatize o trecho principal: a automotivação e os benefícios causados pela literatura, reiterados pela fotografia do entrevistado sorrindo ao olhar para um livro. A representação pela imagem, assim como enunciada verbalmente, da leitura e do leitor reiteram um dos mitos observados por Barzotto e Britto (1997) acerca do prazer proporcionado pela leitura. É possível observar também como é construída essa ideia de que está única e exclusivamente sob responsabilidade e desejo dos indivíduos a sua mudança de condição, por meio do trecho “Roberto Nascimento recuperou o sorriso e a autoestima ao domar a droga”.

Pode-se observar que a construção sintática construída nos excertos abaixo, em que se evidencia o poder da leitura salvacionista e, coloca em segundo plano o processo de recuperação de Roberto, permitem-nos afirmar a relevância que é dada à essa leitura que salva em detrimento das instituições e agentes que ajudaram Roberto em sua recuperação. Os fragmentos ainda exploram a ideia da leitura como viagem, como entretenimento e, simultaneamente, fazem referência aos cânones escolares. Em 27 de fevereiro de 2013, numa abordagem policial, um sargento me disse que duas ou três pessoas, em cada 100 viciados, conseguem largar o crack. Daí eu pensei: “Sou um desses dois ou três”. O policial me levou para o programa SOS Drogas”. Amparado por especialistas, Roberto foi encaminhado ao Centro Mineiro de Toxicomania (CMT). E começou a frequentar a unidade do Bairro Cruzeiro do centro de referência em saúde mental (Cersam), cujo objetivo é ajudar o paciente a reconstruir a vida. Foi lá que o valadarense começou a ter contato com a poesia. Das viagens da droga, ele passou a viajar nos textos de Gonçalves Dias (1823-1864) e Castro Alves (1847-1871). Também nos de Vinicius de Moraes (1913-1980). Estudei apenas até a sexta série, mas sempre gostei muito de ler”, conta o rapaz, que começou a criar e declamar versos. Os profissionais do Cersam o estimularam a publicar a primeira obra, concluída em 2014. A segunda foi lançada há poucos meses.

### **“Os livros mudam a gente”: de catador de lixo a vendedor de livros**

Publicada pelo Uol, a notícia abaixo, organizada em título, imagem, subtítulo e autor pretende contar a rotina de Odilon Tavares, então morador de rua que, por meio de um sebo improvisado, mantém seu sustento. O título, que tem por início um

discurso citado do entrevistado “Os livros mudam a gente”, seguido de um comentário sobre sua relação com livros, bem como o modo de aquisição dos mesmos: “morador de rua improvisa sebo na calçada com obras achadas no lixo”, nos permite evidenciar, tendo em vista a ordem sintática com que se organiza, a ênfase que é dada ao poder de transformação do livro.

Figura 7: Os livros mudam a gente



Fonte: Uol Notícias

Embora o sujeito em destaque atue como vendedor de livros, e por isso pudesse ser um candidato a compor o 3º agrupamento desta pesquisa, Odilon reitera alguns enunciados que reproduzem a lógica meritocrática observada no texto acima, por meio de frases como ““Os livros mudam a gente. Mudei muito a cabeça. Mudei muito minha maneira de pensar”, reiterando o imaginário da leitura que salva, que transforma. Ele também apresenta uma outra característica do 3º agrupamento quando diz "Eu não sei o valor dos livros, não conheço", evidenciando, uma relação estritamente comercial para com os livros. No corpo do texto não há menção às obras clássicas, a leitura como um hábito ou qualquer outra ação que aproxime e que possa representar Odilon como leitor

Seu estoque, com cerca de 800 volumes, também vem da reciclagem. "Não é difícil encontrar livros no lixo. Encontro toda semana. Já peguei 50, cem livros, de uma vez só." Gosto mais dos livros de religião, administração e marketing. Ontem mesmo, eu estava lendo 'O Outro

Lado da Vida' [da norte-americana Sylvia Browne (1936-2013)], mas uma mulher comprou e levou."

Os trechos acima fazem menção ao tipo de relação comercial que se estabelece entre Odilon e os livros, já que a procura por eles tem como objetivo final a venda. Suas escolhas temáticas de leitura aproximam-se daquela de tantos outros moradores de rua ao realizar leituras voltadas para o âmbito religioso, mais especificamente espírita (como se verá em alguns textos).

### Os livros mudam a vida – De usuário de drogas à autor de livros

Outro texto que explora o papel da leitura e dos livros como prática emancipatória, desta vez publicado pela revista eletrônica 'Blasting News' em 14/10/2015, conta a história de Philani Dladla que "... mudou sua vida e de várias pessoas com a ajuda dos livros". Composta por título, imagem, subtítulo, autor, data e local, a figura abaixo evidencia uma vez mais aquilo que de modo fundamental caracteriza este primeiro agrupamento, ou seja, a leitura como fonte de redenção e emancipação. No entanto, neste texto específico, encontramos um aspecto que se difere dos demais: a construção de um caráter proselitista em torno da figura de Philani Dladla que, mudando de vida, anseia também por transformar a vida dos demais, e o faz por meio da literatura.

Figura 8:



Fonte: Blasting News.

O que ajudou Philani a parar com as drogas foram a automotivação e vários livros de autoajuda. Mas enquanto ele estava ajudando a si mesmo, ele disse que também queria ajudar outras pessoas com as quais ele tinha vivido nas ruas. [...] Philani criou também o Book Reader's Club para dividir seu amor pelos livros com crianças carentes. Os encontros acontecem em um parque local onde as crianças podem ir depois da escola para ler enquanto esperam os pais saírem do trabalho.

Uma vez mais é observado um silenciamento acerca das instituições e agentes que auxiliam no tratamento e recuperação de usuários de drogas quando se coloca a literatura como o elemento principal ou exclusivo do processo de recuperação e superação dos sujeitos de sua dependência química. Não há menção às dificuldades que Philani encontrou no processo de tratamento de sua dependência, muito menos a nomeação dos responsáveis por ajudá-lo. O traço redentor explorado na referência ao papel da leitura literária na recuperação desse jovem é acompanhado do discurso proselitista, segundo o qual Philani, em reconhecimento ao papel da leitura em sua superação, se dedica a difundir o mesmo gesto e hábito junto a crianças quanto aos benefícios da leitura.

Publicada pelo Jornal G1, a notícia abaixo, formada por título, imagem, subtítulo e autor pretende contar a história de Gilberto Camporez, um morador de rua que, por meio da publicação de uma obra autobiográfica, mudou sua vida. Gilberto, assim como os demais sujeitos descritos, viu nos livros a possibilidade de se emancipar socialmente por meio de uma obra autobiográfica, na qual relata suas experiências nas ruas.

Figura 9: De morador de rua à poeta



Fonte: G1

Começou a escrever para ajudar a lidar com as recaídas e com a depressão. Publicar o livro, para o escritor, é sinônimo de recomeço. Depois do lançamento ele espera conseguir alugar uma casa e encontrar um emprego, além de realizar a vontade de abrir uma empresa de bolos.

Os trechos acima, retirados da matéria seguem o enredo típico dos textos aqui apresentados: perdido nas drogas, o morador de rua encontra nos livros e também na escrita um conforto que o afasta do vício. A história de Gilberto ganha um rumo diferente ao travar contato com alguns alunos da Universidade de São Paulo que, quando descobrem suas poesias, convidam-no para um recital e, mais tarde, também se mobilizam para arrecadar fundos para a publicação do livro do morador de rua. “Hoje, enquanto anda pelo campus, professores, funcionários e alunos cumprimentam Gilberto e perguntam sobre o lançamento”. Os efeitos de sentido gerados pelo item lexical “cumprimentam” nos permitem refletir que, antes da publicação de seu livro, Gilberto era praticamente invisível e que, por meio do livro, torna-se indivíduo digno de notoriedade, de cidadania.

Esse mesmo indivíduo fora assunto para as mais diversas mídias, entre elas o jornal Edição Brasil, cuja edição de 31 de março de 2018 notícia: “Ex-morador de rua lança livro de poesias inspirado nas ruas de São Paulo”, seguida de imagem e legenda, conforme a foto abaixo:

Figura 10: Gilberto deitado, lendo



## Ex-morador de rua lança livro de poesias inspirado nas ruas de São Paulo

31 mar 2018



Imagem do ex-morador de rua e autor do livro, Gilberto Camporez. EFE/Sebastião Moreira

Fonte: Edição Brasil

Tendo em vista o fato de que “as imagens inscritas em textos mistos constituem uma forma de manifestação discursiva” (CURCINO, 2011, p.1399) observa-se na fotografia acima um funcionamento já descrito por Curcino (2011) ao analisar o princípio de não-homologia entre verbo e imagem presente em textos da mídia, ou seja, o processo de desvinculação entre aquilo que é dito e o que efetivamente se tenciona dizer. Observamos no título uma construção que faz pensar na mudança de vida e de condições do sujeito, ou seja, faz pensar que a condição de “ex-morador de rua” se deu em função da obra publicada e isso, conseqüentemente, deveria restringir os modos de representação fotográfica para uma figuração eufórica. No entanto, o modo como foi fotografado — despreocupado, deitado —, remete-nos também a interpretações disfóricas que muito se assemelham às representações do povo brasileiro observadas por Márcia Abreu, em que as fotografias exibiam a precariedade dos ambientes de leitura no nosso país.

### Leitura intensiva como prática de evasão

Formado por 2 textos, este conjunto caracteriza-se por configurar o papel da leitura como fuga da realidade e aquilo que mantém alguma sanidade para indivíduos que nela encontram conforto. Os sujeitos nos textos aqui descritos desempenham, conforme os estudos descritos por Cavallo e Chartier (1999, p. 192) acerca dos novos

leitores do século XIX, *métodos específicos de apropriação literária*, como, por exemplo, o hábito de anotar e a necessidade de recorrer a certos recursos para a compreensão e realização de suas leituras, tais como dicionários.

### “Leitura para matar dor do tempo”

Um texto que, de maneira excepcional, condensa representações eficientes acerca das práticas de leitura dos moradores de rua é o publicado pelo jornal virtual Campo Grande News, em 28/07/2016. O texto abaixo, constituído por título, data de publicação, imagem e legenda é fruto de um recorte

Figura 11: Leitura como jornada de trabalho



Fonte: Campo Grande News

O título de antemão já nos apresenta uma prática de leitura e interpretação dos textos que muito se assemelha às representações que se fazia da classe operária autodidata do século XIX, a qual, na tentativa de superar a desigualdade intelectual em relação à burguesia, desenvolvem hábitos que, conforme Cavallo e Chartier (1999, p.193), “atingia as raias da obsessão”, mesmo com a dificuldade de acesso aos textos e de condições favoráveis de leitura. O processo de leitura dessa comunidade autodidata envolvia a memorização dos textos, por meio da repetição e, uma característica peculiar desse grupo, a leitura em voz alta.

De modo semelhante, observamos práticas que podem ser descritas como próprias quando pensadas nas representações que se faz das camadas populares: o hábito de anotar tudo o que lê, como se diante da impossibilidade de fixação e conseqüentemente um déficit quanto à capacidade de interpretação, somente por meio do registro é que esses leitores conseguiriam atingir seus objetivos de interpretar os textos.

O morador de rua, para a execução desta tarefa, necessita do "(...) dicionário [que] é livro indispensável. O clássico Aurélio é como um acessório para Carlos. "Eu uso ele todo dia, tem algumas palavras nos livros que eu não entendo, aí eu devoro o dicionário. Aí, se tem alguma palavra que eu acho interessante, eu anoto aqui no caderno", explica. Observa-se que, além da necessidade de anotar tudo o que lê, há ainda a necessidade de um instrumento que o auxilie na interpretação dos textos e/ou palavras.

As leituras que faz não constam no acervo das obras que gozam de prestígio da cultura letrada. Isso porque, além de livros espíritas, Carlos Augusto passa seu tempo lendo biografias, tais como as de Elis Regina e da cantora Maísa.

Sua prática de leitura também se caracteriza pela apropriação de forma 'intensiva' e constante, tal como se pode depreender de enunciados como "Ele passa cerca de 8 horas dentro da biblioteca todos os dias. Só para na hora do almoço". Ele lê como alguém que faz da leitura sua rotina de trabalho, em que depois de uma jornada de atuação, enfim pode descansar.

### **Leitura como comércio e meio de sobrevivência**

Este conjunto, formado por 3 textos, caracteriza-se por agrupar sujeitos que fazem do livro seu ganha pão, ou seja, aqui a leitura, mais especificamente do livro, ganha um outro aspecto: a garantia de sobrevivência. A fonte de arrecadação de livros se dá por meio de doações ou obras encontradas no lixo. Um dos textos, que tem como título: "Casal que saiu das ruas graças aos livros recupera com doações o que foi destruído pela chuva"<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup>CANOFRE, Fernanda. Casal que saiu da rua graças aos livros recupera com doações o que foi destruído pela chuva. Sul 21, 18/09/2017. Disponível em <<https://www.sul21.com.br/ultimas->

Figura 12: Salvos pelos livros



Fonte: Sul 21

O texto abaixo, formado por título, data, autor, texto e imagem é fonte de uma notícia veiculada pelo jornal Tribuna do Norte em 21/07/2019, responsável por descrever a história de José César dos Anjos de Miranda, conhecido também como Zé do livro.

Figura 13: O vendedor de histórias

[noticias/geral/2017/09/casal-que-saiu-da-rua-gracas-aos-livros-recupera-com-doacoes-o-que-foi-destruido-pela-chuva/](https://www.tribunadonorte.com.br/noticias/geral/2017/09/casal-que-saiu-da-rua-gracas-aos-livros-recupera-com-doacoes-o-que-foi-destruido-pela-chuva/)>. Acesso em: 20 jan 2020.

## Zé do livro: ex-morador de rua e vendedor de histórias

Publicação: 2019-07-21 00:00:00



**Mariana Ceci**

Repórter

José César dos Anjos de Miranda tem 31 anos. Sabe o ano que nasceu, 1987, apesar de não lembrar dia e mês. "Daqui a alguns dias, ou alguns meses, estou completando mais um ano de vida", conta. É figura conhecida pelos frequentadores do Largo do Atheneu, em Petrópolis. O local reúne bares, bancas de revista e restaurantes em frente ao Atheneu Norte-Riograndense, uma das mais antigas escolas do Estado. Já foi vigia, pastorador de carros, limpador de automóveis e, hoje, ganha a vida vendendo livros - mas nunca teve oportunidade de aprender a ler.

*Créditos: Alex Régis*



Fonte: Tribuna do Norte

Sem nem ter cursado a primeira série, o vendedor de livros executa uma prática de “leitura” que caracteriza de modo fundamental as representações dessa categoria: no ato das doações que lhe são feitas, as pessoas contam as histórias, José César as memoriza e conta no ato da venda, ou seja, seu contato com as obras se dá de maneira superficial e distante e sua reprodução pertence ao âmbito do oral, o que uma vez mais evoca as representações de práticas populares acerca da leitura oralizada. As obras doadas são por vezes pouco conhecidas ou não constam nos índices da biblioteca de prestígio da cultura letrada. A escolha do título para a pose da foto reitera a ideia redentora dos livros. É justamente por meio da venda dos livros, que José pode ter esperança.

Figura 14: A leitura, uma esperança

*Créditos: Alex Régis*



*José César conta que criou carinho pelos livros e que o que faz hoje é o melhor trabalho que já teve*  
*José César conta que criou carinho pelos livros e que o que faz hoje é o melhor trabalho que já teve*

Fonte: Tribuna do Norte.

A figura abaixo, publicada no BH Encontro em 17/05/2019, é um recorte da matéria que conta a história de Odilon Tavares, ex-catador de lixo e também vendedor de livros. É curioso notar que essa é uma das histórias que circulou em diversas mídias, já que na primeira categoria vimos prevalecer um aspecto emancipatório da prática de leitura, fato não observado neste conjunto de textos específico. A figura abaixo é composta por título, subtítulo, data de publicação e imagem.

Figura 15: O catador de papelão que se tornou livreiro da calçada

## Ex-catador de papelão vende 60 livros por dia na rua

Odilon Tavares cobra preço único de R\$ 5 e sonha em ter a banca própria.

Geórgia Choucair  
postado em 15/05/2019 17:18 / atualizado em 17/05/2019 00:22



MAIS LIDAS

1 18:31 - 18/09/2020 - Compartilhe  
Prefeitura de BH anuncia reabertura de clubes e Feira Hippie

Fonte BH Encontro

A leitura de livros neste grupo é quase inexistente, pois no texto anterior foi possível constatar um tipo de contato superficial para com o livro, pois Zé do livro não lia, mas memorizava. Neste texto, em especial, embora Odilon saiba ler, é também representado quase como um não leitor em função da topicalização de uma informação que, ainda que também seja encontrada no seu texto da 1ª categoria, aparece aqui topicalizada: a de que ele não lê, presente no excerto abaixo:

Ele nunca leu um livro completo, mas folheia várias páginas todos os dias. Conhece diversos escritores e convive diariamente com um arsenal de 4 mil publicações. Vive rodeado de leitores e rejeita as teorias de que a leitura de papel está com os dias contados. “As pessoas querem ler, o problema é o preço do livro”.

Neste trecho, observamos que a importância primeira dada ao fato de que Odilon nunca leu um livro completo acaba por invalidar ou enfraquecer todas as colocações que são feitas em seguida. O contato com os livros nesta categoria, conforme é possível observar se dá de maneira distante e superficial, ou porque não



dominam o código, não sabem ler, ou por não conseguirem finalizar a leitura dos textos.

### **Leitura como prática proselitista**

Este conjunto é composto por um texto em que o sujeito, embora de origem simples e em condição de rua, acaba por fortalecer a ideia salvacionista da leitura ao se colocar em posição de responsável pela promoção da mesma e, com isso, mudar a realidade do próximo. Num primeiro momento, houve certa relutância por classificá-lo em uma prática proselitista, dado sua condição de morador de rua, mas é exatamente essa ideia generalizada de se pensar que somente os pertencentes à cultura letrada podem promover a prática que causa em nós desconforto.

Publicado pelo jornal Estado de São Paulo em 01/11/2012, em sua versão virtual, o próximo texto conta a história de Robson César Correia de Mendonça, um ex-morador de rua que, ao observar a dificuldade de acesso aos livros quando ainda se encontrava em situação de rua, decide criar uma biblioteca ambulante. Foi por meio de Lincoln Paiva, então dono de uma consultoria voltada para projetos de mobilidade urbana que Robson concretizou sua ação.

Para fugir da "loucura total" e da droga e em busca de alguma dignidade para os moradores de rua, que via serem tratados "como bichos", conta que se apegou à leitura. Marcou-o especialmente o livro "A Revolução dos Bichos", de George Orwell, que encontrou em uma minibiblioteca de um albergue no Brás. O título da obra chamou a sua atenção. "Comecei a pensar que, se os animais são capazes de mudar suas vidas, por que nós, que somos animais racionais, não podemos mudar?".

Por meio dos excertos acima, retirados da matéria, o ex-morador de rua conta de seu apreço pelo livro "A revolução dos bichos" e, entre metáforas e comparações, enxergou na leitura uma forma de não permitir aos moradores de rua serem tratados como bichos.

Um outro texto que acompanha o tom proselitista é o veiculado no *site* do G1. Ao contar a história de Paulo Roberto Arantes da Silva, de 58 anos, que em meio à doações e obras achadas no lixo, conforme observado em todas as demais categorias, organiza uma espécie de biblioteca ambulante. Por meio de uma

observação da jornalista, temos informações valiosas sobre as obras que compõem o acervo:

Ao vê-lo dormindo, um tanto fragilizado naquele vão entre as duas grandes pilhas — atlas com a extinta URSS, obscuros romances fora de catálogo, autoajuda, manuais de Direito, livros didáticos nos quais Plutão ainda é planeta, antologias poéticas —, aquela montanha com ares pós-apocalípticos assume simbolicamente a função de trincheira. Um grosso volume de capa verde, que parece ser uma edição antiga das obras de Freud e *Os melhores contos de Lima Barreto*, da Global, destacam-se entre meia dúzia de best-sellers esquecidos.

Embora esteja descrevendo uma cena, a jornalista nos dá informações valiosas acerca dos nomes que compõem o acervo de seu Paulo: atlas, romances fora de catálogo e, uma vez mais, a temática dos livros de autoajuda. São temáticas que, no geral, não pertence a lista de leituras prestigiadas.

### **Considerações finais**

Visando contribuir para o levantamento e análise parcial de um conjunto de textos nos quais se encontram representações de práticas de leitura dos leitores contemporâneos, mais especificamente de leitores de origem humilde, infames, desconhecidos em função de sua origem social, como catadores de lixo e moradores de rua, conforme já anunciado, buscamos observar quais eram os discursos sobre a leitura que eram reiterados nesses textos e como esses discursos constituíam uma dada representação desses indivíduos enquanto leitores, tal como foram mobilizados e orientaram a escrita desses textos da mídia brasileira, de circulação virtual.

Por meio de nossa breve análise, pautada na observação das escolhas lexicais, de certas construções sintáticas, da análise de imagens, etc, buscamos selecionar, sistematizar e classificar alguns dos textos levantados para a constituição do *corpus*, compreender os efeitos dessa sua materialidade, tanto linguística quanto imagética, de modo a apreender delas representações da leitura e do leitor.. Observamos que os limites entre uma representação e outra muitas vezes se apresentam de forma difusa, pois ocorre o entrecruzamento entre os discursos sobre a leitura. Dito de outro modo, a representação presente em um texto sobre um morador em situação de rua, embora pertencesse à categoria que explorava o



discurso relativo à leitura salvacionista, podia ser realocado na categoria analítica em que a leitura é apresentada segundo um tom proselitista.

Além de contribuir na ampliação dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura, esta pesquisa foi responsável pelo meu amadurecimento enquanto estudante, sobretudo enquanto cientista da língua. Compreendi a importância da interpretação dos textos na busca dos efeitos de sentido e, como isso colabora para as representações dos sujeitos em sociedade. Além de desenvolver as habilidades de escrita, leitura e reflexão frente aos textos. O manuseio de uma grande quantidade de materiais me permitiu aprender a organizá-los e categorizá-los conforme suas características em comum.

## **ANEXO I**

## TABELA DE SISTEMATIZAÇÃO DOS TEXTOS COLETADOS

### 1. Leitura como prática redentora

Título	Gênero, instituição e suporte	Ano	Disponível em
1) Com ajuda da literatura, morador de rua de BH vence o crack	Reportagem, Jornal Estado de Minas, Edição virtual	2015	<a href="https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/12/19/interna_gerais,718859/com-ajuda-da-literatura-morador-de-rua-vence-o-crack.shtml">https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/12/19/interna_gerais,718859/com-ajuda-da-literatura-morador-de-rua-vence-o-crack.shtml</a> (Acesso em: 19 jan 2020)
<p>“O vício em crack o fez perder a família, os amigos de infância, o emprego, a autoestima e o sorriso. A vontade de vencer o vício e o contato diário com a literatura lhe devolveram a alegria.”</p> <p>“Fui um sem teto até fevereiro passado. Agora ganho a vida negociando meus livros.”</p>			
2) Morador de rua faz livro de poesia sobre como é viver nas calçadas de SP	Reportagem, G1, Edição Virtual	2018	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/morador-de-rua-faz-livro-de-poesia-sobre-como-e-viver-nas-calçadas-de-sp.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/morador-de-rua-faz-livro-de-poesia-sobre-como-e-viver-nas-calçadas-de-sp.ghtml</a> (Acesso em: 16 dez. 2019)
<p>“Começou a escrever para ajudar a lidar com as recaídas e com a depressão.”</p> <p>“Publicar o livro, para o escritor, é sinônimo de recomeço. Depois do lançamento ele espera conseguir alugar uma casa e encontrar um emprego, além de realizar a vontade de abrir uma empresa de bolos.”</p> <p>“Hoje, enquanto anda pelo campus, professores, funcionários e alunos cumprimentam Gilberto e perguntam sobre o lançamento.”</p>			
2.1) Ex-morador de rua lança livro de poesia inspirado nas ruas de São Paulo	Reportagem, Edição Brasil, Edição Virtual	2018	<a href="https://www.efe.com/efe/brasil/brasil/ex-morador-de-rua-lan-a-livro-poesias-inspirado-nas-ruas-s-o-paulo/50000239-3569673">https://www.efe.com/efe/brasil/brasil/ex-morador-de-rua-lan-a-livro-poesias-inspirado-nas-ruas-s-o-paulo/50000239-3569673</a> (Acesso em: 16 dez 2019)
3) Depois das marquises: ex-morador de rua se torna escritor e lança livro	Reportagem, Extra, Edição Virtual	2019	<a href="https://extra.globo.com/noticias/rio/depois-das-marquises-ex-morador-de-rua-se-torna-escritor-lanca-livro-23381949.html">https://extra.globo.com/noticias/rio/depois-das-marquises-ex-morador-de-rua-se-torna-escritor-lanca-livro-23381949.html</a> (Acesso em: 16 dez. 2019)

<p>“...ele transformou sua experiência vivendo nas ruas do Rio de Janeiro no livro “Há vida depois das marquises...”</p>			
4) Morador de rua, que mudou de vida vendendo resenhas e livros usados, lança sua obra	Reportagem, Blasting News, Edição Virtual	2015	<a href="https://br.blastingnews.com/cultura/2015/10/morador-de-rua-que-mudou-de-vida-vendendo-resenhas-e-livros-usados-lanca-sua-obra-00605481.html">https://br.blastingnews.com/cultura/2015/10/morador-de-rua-que-mudou-de-vida-vendendo-resenhas-e-livros-usados-lanca-sua-obra-00605481.html</a> (Acesso em:31 jan. 2020)
<p>“Conheça a incrível história de Philani Dladla, jovem de 24 anos, que mudou sua vida e de várias pessoas com a ajuda dos livros.”            “Os livros salvam vidas”            “O que ajudou Philani a parar com as drogas foram a automotivação e vários livros de autoajuda.”</p>			
5) Morador de rua e leitor	Reportagem/Crônica, Entretextos, Edição Virtual	2011	<a href="https://www.portalentretextos.com.br/post/morador-de-rua-e-leitor">https://www.portalentretextos.com.br/post/morador-de-rua-e-leitor</a> (Acesso em: 31 jan. 2020)
6) Ex-morador de rua supera barreiras e se torna escritor em Bertioga, SP	Reportagem, G1	2012	<a href="http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2012/09/ex-morador-de-rua-supera-barreiras-e-se-torna-escritor-em-bertioga-sp.html">http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2012/09/ex-morador-de-rua-supera-barreiras-e-se-torna-escritor-em-bertioga-sp.html</a> (Acesso em: 31 jan. 2020)
<p>“A trajetória de Claudine Teles Moreira [...] pode ser traduzida na palavra <b>superação</b>.”</p>			
7) “Os livros mudam a gente”, morador de rua improvisa sebo na calçada com obras achadas no lixo	Reportagem, UOL, Edição Virtual	2018	<a href="https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/17/expedreiro-larga-a-mulher-vai-morar-na-rua-e-vende-livros-achados-no-lixo.htm">https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/17/expedreiro-larga-a-mulher-vai-morar-na-rua-e-vende-livros-achados-no-lixo.htm</a> (Acesso em: 31 jan. 2020)
<p>“Os livros mudam a gente”            “...recolhe materiais pelos lixos da zona sul. Encontra principalmente plástico e alumínio, mas tem achado muito exemplares de livros.”</p>			
<p><b>Leitura de evasão</b></p>			
8) Morador de rua passa o dia em biblioteca lendo e anotando, para matar dor do tempo	Reportagem, Campo Grande News, Edição	2016	<a href="https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-">https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-</a>

	Virtual		<a href="http://2011-08/morador-de-rua-passa-dia-em-biblioteca-lendo-e-anotando-para-matar-dor-do-tempo">2011-08/morador-de-rua-passa-dia-em-biblioteca-lendo-e-anotando-para-matar-dor-do-tempo</a> (Acesso em: 19 jan 2020)
<p>“...moradores de rua encontraram nos livros a fuga da solidão, do abandono e de outras válvulas de escape, como as drogas.”</p> <p>“...tem algumas palavras nos livros que eu não entendo, aí eu devoro o dicionário.”</p>			
<p>“Eu sempre gostei de ler e costumo ler muito”</p> <p>“...o segredo é "ler de tudo. Ler jornais, revistas, livros e até gibis. E fazer rascunhos também. Faço isso o tempo todo.”</p>			
9) Morador de albergue passa o dia lendo na biblioteca Monteiro Lobato	Reportagem, Click Guarulhos, Edição Virtual	2016	<a href="https://www.clickguarulhos.com.br/2016/01/14/morador-de-albergue-passa-o-dia-lendo-na-biblioteca-monteiro-lobato/">https://www.clickguarulhos.com.br/2016/01/14/morador-de-albergue-passa-o-dia-lendo-na-biblioteca-monteiro-lobato/</a> (Acesso em: 19 jan. 2020)
<p>“Quando leio, não me sinto sozinho”</p>			
10) Biblioteca Parque do Centro do Rio recebe clube de leitura com moradores em situação de rua	Reportagem, G1, Edição Virtual	2017	<a href="https://extra.globo.com/noticias/rio/biblioteca-parque-do-centro-do-rio-recebe-clube-de-leitura-com-moradores-em-situacao-de-rua-20172573.html">https://extra.globo.com/noticias/rio/biblioteca-parque-do-centro-do-rio-recebe-clube-de-leitura-com-moradores-em-situacao-de-rua-20172573.html</a> (Acesso em: 19 jan. 2020)
11) Morador de rua vive na companhia dos livros em Stella Maris	Reportagem, UOL, Edição Virtual	2012	<a href="https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1446782-morador-de-rua-vive-na-companhia-dos-livros-em-stella-maris">https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1446782-morador-de-rua-vive-na-companhia-dos-livros-em-stella-maris</a> (Acesso em: 19 jan 2020)
<p>“Alberto conta que encontrou nos livros uma maneira de passar o tempo de forma útil”</p>			
<b>3. Leitura como forma de sobrevivência</b>			
12) Zé do livro: ex-morador de rua e vendedor de histórias	Reportagem, Tribuna do Norte, Edição Virtual	2019	<a href="http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/za-do-livro-ex-morador-de-rua-e-vendedor-de-historias/454486">http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/za-do-livro-ex-morador-de-rua-e-vendedor-de-historias/454486</a> (Acesso em: 19 jan. 2020)

<p>O que mais chama atenção, no entanto, é que Zé do Livro é capaz de contar, mesmo sem ter lido, as histórias que carrega na mochila. “Quando eles me doam, me explicam. Eu memorizo e vou recontando”, explica.  “Com o livro eu sobrevivo sem roubar, mas às vezes falta”</p>			
13) O morador de rua que vende livros para sobreviver	Reportagem, BBC News, Edição Virtual	2018	<a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45726680">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45726680</a> (Acesso em: 19 jan. 2020)
<p>“Souza vive da venda de livros doados”  “O certo, para eu poder vencer, é vender meus livros”</p>			
14) Ex-catador de papelão vende 60 livros por dia	Reportagem, BH Encontro, Edição Virtual	2019	<a href="https://www.revistaencontro.com.br/canal/cidade/2019/05/ex-catador-de-papelao-vende-60-exemplares-por-dia-na-esquina-da-rua-gr.html">https://www.revistaencontro.com.br/canal/cidade/2019/05/ex-catador-de-papelao-vende-60-exemplares-por-dia-na-esquina-da-rua-gr.html</a> (Acesso em: 19 jan.2020)
15) Conheça a história de Lindomar, o morador de rua que vende livros	Reportagem, Gaúchazh Porto Alegre, Edição Virtual	2016	<a href="https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/10/conheca-a-historia-de-lindomar-o-morador-de-rua-que-vende-livros-7750296.html">https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/10/conheca-a-historia-de-lindomar-o-morador-de-rua-que-vende-livros-7750296.html</a> (Acesso em: 19 jan. 2020)
16) Casal que saiu das ruas graças aos livros recupera com doações o que foi destruído pela chuva.	Reportagem, Sul 21	2017	<a href="https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/09/casa-l-que-saiu-da-rua-gracas-aos-livros-recupera-com-doacoes-o-que-foi-destruido-pela-chuva/">https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/09/casa-l-que-saiu-da-rua-gracas-aos-livros-recupera-com-doacoes-o-que-foi-destruido-pela-chuva/</a> (Acesso em: 20 jan. 2020)
<b>Leitura como prática proselitista</b>			
17) Ex-morador de rua dirige bicicletoteca no centro de São Paulo.	Reportagem, Folha de São Paulo, Edição Virtual	2011	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/1178584-ex-morador-de-rua-dirige-bicicletoteca-no-centro-de-sao-paulo.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/1178584-ex-morador-de-rua-dirige-bicicletoteca-no-centro-de-sao-paulo.shtml</a> (Acesso em: 20 jan. 2020)
18) O morador de rua e sua biblioteca	Reportagem, G1, Edição Virtual	2019	<a href="https://epoca.globo.com/o-morador-de-rua-sua-biblioteca-23712851">https://epoca.globo.com/o-morador-de-rua-sua-biblioteca-23712851</a>

(Acesso em: 20 jan. 2020)

**Materiais que utilizei na introdução**

19) Menino de 13 anos, ambulante no Leblon, encanta clientes por seu gosto pela leitura	Reportagem, G1, Edição Virtual	2019	<a href="https://oglobo.globo.com/rio/menino-de-13-anos-ambulante-no-leblon-encanta-clientes-por-seu-gosto-pela-leitura-23869708">https://oglobo.globo.com/rio/menino-de-13-anos-ambulante-no-leblon-encanta-clientes-por-seu-gosto-pela-leitura-23869708</a> (Acesso em: 27 ago 2019)
20) Mestre em teoria literária vive nas ruas há 10 anos em Aracaju	Reportagem, G1, Edição Virtual	2017	<a href="https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/mestre-em-teoria-literaria-vive-nas-ruas-ha-10-anos-em-aracaju.ghtml">https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/mestre-em-teoria-literaria-vive-nas-ruas-ha-10-anos-em-aracaju.ghtml</a> . (Acesso em: 30 jan 2020)

## Referências Bibliográficas:

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001. p. 139-157.

ABREU, Márcia. **Apatia, ignorância e desinteresse. Uma história da leitura no Brasil?**. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2006.

ANDRETTA, P.; CURCINO, L. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no Skoob. *Leitura. Teoria & Prática*, v. 30, n. 58, p.205-214, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.278-327.

BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. **Promoção da leitura x mitificação da leitura**. In: Boletim ALB, n. 3, Rio de Janeiro, Agosto, 1998.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.71-79.

BOURDIEU, Pierre. A economia dos bens simbólicos. In: **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 2. ed. Campinas: Papius, 2008. p.157-198.

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 134-146.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e participação. In: **Contra o consenso: Cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 99-114.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas Impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/54404535/18/%E2%80%94LUIZ-PERCIVAL-LEME-BRITTO>. Acesso em: 20 set. 2019.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. **Discursos eruditos e práticas populares**. In: A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 45-52.

COURTINE, J.-J. Uma genealogia da Análise do Discurso. In: PIOVEZANI, C.; MILANEZ, N. (Org.). **Metamorfoses do Discurso Político: derivas da fala pública**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006a. p. 37-57.

CURCINO, Luzmara. **A política em close: análise discursiva de algumas representações do leitor de VEJA**. Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, vol. 37, n. 1, p. 55-64, 2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/81.PDF>>.

CURCINO, Luzmara. **Princípios de não-homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia**. In: Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, vol. 40, n. 3, p. 1398-1407, set-dez 2011a. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011\\_v3\\_t18.red6.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t18.red6.pdf)>. Acesso em: 14 de out. 2019.

CURCINO, Luzmara. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. (orgs.). **Discurso: Semiologia e História**. São Carlos: Editora Claraluz, 2011b. p. 183-196.



CURCINO, Luzmara. **Velhos novos leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 41, p. 1013-1027, 2012.

CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos. Fazer, pensar, dizer e olhar: dispositivos de fala pública e de leitura da mídia. In: FERNANDES J. A.; SOUSA, K. M. (orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Gráfica UFG, 2014.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: Edufscar, 2016.

CURCINO, Luzmara. **Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros**. [Relatório científico de Pós-doutorado 2016-2018]. Campinas: UNICAMP/ Versalhes: Université Versailles Saint Quentin en Yvelines, 2018. [mimeo]

CURCINO, L. **Das emoções nos discursos sobre a leitura**: uma análise dos modos de expressão da 'nostalgia', do 'orgulho' e da 'vergonha' na voz de leitores. [Projeto de Pesquisa 2019-2022], 2019a. [mimeo]. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/project/Leitores-orgulhosos-leitores-envergonhados-as-emocoes-em-discursos-sobre-a-leitura> >.

CURCINO, Luzmara.; VARELLA, Simone Garavello; OLIVEIRA, Jéssica. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisas. **Revista Linguagem**, v. 32, n. 1, p. 1-5, 2019b.

CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: do elogio ao insulto na construção do perfil leitor de políticos. In: HOSSNE, A. S.; NAKAGOME, P. T. (orgs.). **Leitores e leituras na contemporaneidade**. Araraquara: Letraria, 2019c.

CURCINO, L. Da infâmia à resistência: quando se é notícia porque se lê. In: SÁ, I.; BRAGA, A. (orgs.). **Microfísica da resistência**: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade. Campinas: Pontes, 2020a.

CURCINO, L. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Pará. Número temático: 50 anos de "A Arqueologia do Saber": as contribuições aos estudos da linguagem no Brasil. Vol. 1, n. 57, ago/dez de 2020b. p. 74-91. ISSN: 0104-0994. DOI: <<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8874> .

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222.

FREVERT, Ute. Le genre et l'histoire: l'exemple de la honte. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs.). **Histoire des Émotions: de la fin du XIXe siècle à nous jours**. Paris: Seuil, 2017. p. 98-116.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

HAROCHE, Claudine. Le sentiment d'humiliation : dégrader, rabaisser, détruire. In : CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs.). **Histoire des Émotions: de la fin du XIXe siècle à nous jours**. Paris: Seuil, 2017. p. 343-363.

HÉBRARD, Jean. **Pode-se fazer uma história das práticas de leitura na Época Moderna? Os novos leitores revisitados**. In: Anais do Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.

LYON-CAEN, Judith. Le “je” et le baromètre de l’âme. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs.). **Histoire des Émotions: des Lumières à la fin du XIXe siècle**. Paris: Seuil, 2016. p. 169-188.

LYONS, Martyn. **Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários**. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.) [1997]. História da Leitura no Mundo Ocidental 2. Trad. São Paulo: Editora Ática, (p. 165-202), 1999.

MANFRIM, A.; CURCINO, L. Uma análise de discursos sobre a leitura presentes no canal “O mundo segundo Ana Roxo”. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 901-919, 2020.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2001.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 169-178.

ROSIN, P.; CURCINO, L. Peculiaridades do exercício da função autor: uma análise discursiva de “mensagens compartilhadas” no Facebook. Revista Estudos Linguísticos. v. 44, n. 3, p. 1155-1167, 2015.

VARELLA, Simone Garavello; CURCINO, Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. Revista Desenredo. V. 10, 2014,

p.337-354. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/4157/3091>

VARELLA, S. G. Os discursos incentivadores da leitura: uma análise de campanhas contemporâneas em prol dessa prática. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.